

Princípio da Submissão

Roberto dos Reis, M.Th.

O *Sermão do Monte* ou *Sermão da Montanha*, registrado pelo evangelista Mateus no evangelho que traz o seu nome, abrange três longos capítulos: capítulo 5, 6 e 7, perfazendo um total de cento e onze (111) versículos.¹ Proferido por Jesus antes de iniciar seu ministério público, e depois de ter ficado quarenta (40) dias em jejum e oração no deserto (Mt.4.1-11; Mc.1.12,13; Lc.4.1-13), num monte perto do lugar das sete fontes – Heptapegon (Tabha), aproximadamente a três (03) quilômetros a oeste de Cafarnaum,² o Sermão do Monte é a primeira mensagem de Jesus dirigida diretamente ao povo. Chamado por alguns estudiosos de “*Evangelho Exclusivo do Reino*” ou “*Plataforma do Reino de Deus*”, como se diria em linguagem política, o Sermão do Monte se constitui o *documentum maximus*³ de espiritualidade e, como tal, deve ser vivido e não apenas intelectualmente analisado.

Se o Evangelho é o coração da Bíblia, certamente o Sermão do Monte é a alma do Evangelho. Logo, se perdêssemos todos os livros da Bíblia e só nos restasse o Sermão do Monte, nada estaria perdido. Por tudo isso, a presente reflexão surge, como rizomas, a partir das máximas elencadas por Jesus neste sermão, a síntese da mística e da ética, que ultrapassa todas as filosofias e teologias humanas, sem ele a igreja estaria grandemente empobrecida (CARSON/MOO/MORRIS, 1997).

O versículo que utilizarei como ponto de partida e bússula durante minha reflexão sobre o tema proposto para a presente palestra está em Mt.5.5:

“*Bem-aventurados os **mansos**, porque herdarão a terra*”.⁴

“μακάριοι οἰπραεῖς, ὅτι αὐτοὶ κληρονομήσουσιν τὴν γῆν”.⁵

¹ Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada (2ª Edição).

² Segundo Henry H. Halley, a tradição cristã, antes mesmo do século IV, já havia concordado que, tanto o Sermão do Monte, quanto o milagre da multiplicação dos pães (Mt.14.13-21) e o aparecimento de Jesus a Seus discípulos após Sua ressurreição (Jo.21), ocorreram nesse lugar, embora a geografia dos evangelhos pareça posicionar a multiplicação dos pães algures a norte (ou nordeste) do mar da Galileia (perto de Betsaida).

³ “*Documento Máximo*”.

⁴ Grifo nosso.

O termo “*princípio*” é de origem latina: “*Principium*”, de “*primo*” (*primeiro*) e “*et capere*” (*pegar, tomar*). *Principium*, portanto, é aquilo que toma o primeiro lugar, a primeira parte, o primeiro posto.

Segundo Tenney (1989), o Sermão da Montanha é a declaração direta do supremo direito do Messias de transcender à lei: “*Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás [...] eu, porém, vos digo [...]*”,⁶ Mt.5.21,22. Jesus “[...] não revogou a lei, mas foi acima dela pela santidade completa de Sua pessoa” (TENNEY, p.156). É a partir d’Ele, e não dos ideais meramente humanos, que os homens conseguirão viver a espiritualidade de forma plena e radiante. Esse é o maior de todos os desafios humanos!

Quando falamos de *princípio* nos situamos nos interstícios de nossas ações. É lá, no âmago do ser, que nossas atitudes e posturas são forjadas, e as características que nos fazem indivíduos capazes tomam forma, tornando-nos tendentes às mais diferentes ações. É por isso que a mansidão, enquanto um dos princípios do Reino, conforme elencados por Jesus no Sermão da Montanha, torna-se fundamental para a vivência do Cristianismo autêntico. Não há possibilidade de vida comunitária saudável, tanto na igreja quanto fora dela, sem a virtude da mansidão. Afinal de contas, só é possível pensar o ser humano, enquanto indivíduo ou parte importante na sociedade, a partir de si mesmo, de sua experiência de vida (MESLIN, 1992), do seu posicionamento pessoal e grupal diante da sua existência (CATÃO/VILELA, 1994).

Desde o momento da Queda (Gn.3.1ss), a luta mais cruel gira em torno da *re-humanização* do homem (ZABATIERO, 2009). O pecado trouxe para a experiência humana graves conseqüências, entre elas a perversão da perfeita imagem de Deus no homem. Afastados da graça e da comunhão com o Criador, já não cumprimos nosso papel de *representantes* de Deus, já não somos Sua localização geográfica e não concorremos para o louvor de Sua glória (1Co.10.31; Ef.1.6). Pelo contrário, agimos como “animais”, buscando nossos próprios interesses, pensando em nosso próprio bem-estar. Desumanizados, porque inegavelmente enfermos pelo pecado, não cuidamos de nossa relação com Deus; não cuidamos dos interesses do outro; não cuidamos da

⁵ “*makárioi hoi praeîs, hótí autoí kleronomésusin tén gên*”.

⁶ Grifo nosso.

natureza (ZABATIERO, 2009). E por tudo isso, nos distanciamos da perfeita imagem de Deus forjada em Cristo Jesus. Isso significa dizer que, para sermos humanos precisamos ser como Jesus de Nazaré (ALVES, 1984). Logo, a re-humanização do homem, só é possível mediante a perfeita imitação de Cristo (1Co.11.1; Ef.5.1), a metamorfose dos nossos sentimentos ao pleno sentimento do Verbo Encarnado:

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se *obediente* até à morte e morte de cruz.⁷ Fp.2.5-8.

É isso que precisamos entender – que a plena realização da perfeita imagem de Cristo em nós, e nossa conseqüente re-humanização, passa pelo viés da mansidão, enquanto princípio da submissão. Esta é a força dos fortes! Não a violência irracional material. A violência assume muitas formas e se apresenta com vários nomes: Uns a chamam de *legítima defesa* (violência física), outros *sagacidade, astúcia, esperteza* etc. (violência mental). Mudam-se os nomes, mas a essência permanece a mesma: Atos e argumentos dos quais a força e a inteligência lançam mãos para lograr vantagens, típicas de corações dominados pelo desejo nefasto do benefício próprio, sombra de um coração dominado pelo ego.

Ego que cega, que castra. “*Nada respondes? Vê quantas acusações te fazem! Jesus, porém, não respondeu palavra, a ponto de Pilatos muito se admirar*”, Mc.14.4-5. A submissão de Cristo à suprema vontade de Deus, é a prova inequívoca de que o *espírito da força* pode ser plenamente substituído pela *força do Espírito*: “*Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos*”, Zc.4.6b. Observe: Quem herdará a terra não são aqueles que a tomam pela brutalidade, pela violência, pela irracionalidade do espírito da força, mas por aqueles que respiram e [con-]inspiram a submissão, na força do Espírito. Onde estão as conquistas de Alexandre Magno, Napoleão Bonaparte, Hitler e Mussolini? Permanecem apenas nas páginas empoeiradas da história. Esta é a grande diferença: A posse efêmera da terra por

⁷ Grifo nosso.

aqueles a tomam pela violência e a posse permanente e durável daqueles que a conquistam pela submissão.

É interessante que, ao contrário do que se imagina, nada se possui pela força irracional, pela astúcia, pela esperteza. Tem-se a falsa impressão de que dominamos o objeto pelo simples fato de o segurarmos com as mãos, de o prendermos com correntes e ligamentos afins. Entretanto, a verdadeira posse não é unilateral, mas bilateral, pacífica e espontânea.

A submissão, portanto, enquanto princípio do Reino, diz respeito ao Ser, diz respeito a nossa nova natureza em Cristo, à forma como vivemos a vida, como experienciamos o Espírito Santo na plena obediência à vontade de Deus.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Creio na Ressurreição do Corpo*. São Paulo: Editora Paulus, 1984.
- CARSON, D.A./MOO, Douglas J./MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1997.
- CATÃO, Francisco/VILELA, Magno. *O Monopólio do Sagrado*. São Paulo: Editora Best Seller, 1994.
- **Dicionário Internacional de Línguas** (Poliglota). Curitiba: Editora Formar, 17ª ed., 1992.
- GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2ª ed., 1998.
- HALLEY, Henry Hampton. *Manual Bíblico de Halley*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- MESLIN, Michel. *A Experiência Humana do Divino*. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.
- *Novo Testamento Interlinear* (Grego-Português). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil – SBB, 2004.
- TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento, sua Origem e Análise*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2ª ed., 1972 (2ª reimpressão, 1989).
- ZABATIERO, Júlio. *Novos Caminhos para a Educação Cristã*. São Paulo: Editora Hagnos, 2009.